



# Pintando o sete

**Virtuoso do sete-cordas, Rogério Caetano reúne a nata dos instrumentistas brasileiros em seu primeiro CD autoral**

Por Roberta Cunha Valente

O goiano Rogério Caetano é uma das maiores revelações do violão de sete cordas brasileiro dos últimos tempos. Aos 30 anos, esse lá de Dino 7 Cordas e Raphael Rabello já deixou a marca de suas baixarias em gravações de grandes nomes da MPB, como Ivan Lins, Maria Bethânia e Zeca Pagodinho. Parceiro do bandolinista Hamilton de Hollanda, um de seus grandes incentivadores, ele acaba de lançar o bellissimo CD autoral *Pintando o Sete* (Rob Digital). Grandes instrumentistas como Marco Pereira, Yamandu Costa, Mauricio Carrilho e o próprio Hamilton de Hollanda, participaram desse CD de estreia. Violão PRO conversou com Rogerinho, como ele normalmente é chamado entre os chorões, que falou da sua carreira e também desse lançamento.

> *Violão PRO - Como você começou a tocar violão?*

**Rogério Caetano** - Meu primeiro instrumento foi o cavaquinho, quando eu tinha seis anos. Aos 12, eu passei a tocar violão. Foi direto para o violão de sete cordas, diferentemente da maioria das pessoas, porque é comum começar no violão de seis cordas e depois ir para o de sete. Eu escutei uma gravação do Dino 7 Cordas naquele disco da Elizeth Cardoso com o Jacob do Bandolim, Época de Ouro e o Zimbo Trio. Quando ouvi aquela sonoridade, eu me apaixonou pelo instrumento e comecei a

tocá-lo imediatamente. Eu tirava as coisas do Dino, que foi a minha grande referência. Tirava tudo de ouvido, porque naquela época eu não tinha conhecimento teórico nem de harmonia. Tirava os baixos iguárrinhos, mas não tinha consciência do que estava fazendo. Depois estudei com o maestro Geraldo Amaral, que deu aulas para o Geraldo Vespar, um grande arranjador. Tive as primeiras noções de teoria com ele. Por volta dos 15 anos comecei a tocar profissionalmente, ainda em Goiânia.

> *Como você conseguiu seu primeiro vio-*

*lão de sete cordas?*

Tenho um padrinho em Goiânia, um, que toca sete-cordas e me deu apoio no início. Ele tinha um sete sobrando e me emprestou para eu tocar. Depois meu pai acabou com um para mim, que eu vendi recentemente para o Luizinho 7 Cordas. Era um Do Souto, dos antigos.

> *Por que você resolveu morar em Brasília?*

Pra tocar. Era um lugar próximo. Meu pai era conservador, não queria que eu ficasse

e tal. Ele é engenheiro, acho que ele queria que eu fosse engenheiro também. Eu me casei primeiro sozinho, depois meu pai se aposentou e minha família se mudou para lá. Quando me casei fui morar no Rio, e meus pais voltaram pra Goiânia.

**» Hoje ele é seu fã?**  
Espeto que sim! (risos)

**» Como foi sua experiência em Brasília?**  
Lá eu tive a minha grande vivência e adquiri malandragem no violão de sete cordas. Conheci as pessoas que tocavam o instrumento, como o Alencar 7 Cordas (José de Alencar Soares), que foi uma pessoa importantíssima, com quem eu tive aulas e aprendi harmonia. O violonista José Américo, pai do bandolinista Hamilton de Holanda e do violonista Fernando César, também me ajudou bastante. Com uns 16 anos comeci a tocar com o Hamilton e com o César, e também com outras pessoas do meio do choro. Há um movimento muito forte do choro por lá. Meu primeiro grupo foi o Dois de Ouro, com o Hamilton, o César, o Américo e dois percussionistas, o Leander

Motta e o Sandro Araújo. Nós gravamos três discos. Também estudei na UnB (Universidade de Brasília), fiz bacharelado em composição.

**» Você tem uma linguagem bem própria no sete-cordas. Como você a desenvolveu?**

Já conhecia o trabalho do Raphael Rabello e do Dino e vi que eles tinham uma identidade musical própria. O Dino tinha uma maneira peculiar de tocar, ele criou a escola brasileira do violão de sete cordas: todos os sete-cordas beberam naquela fonte. O Raphael desenvolveu uma linguagem própria com muito virtuosismo e vigor sonoro. Ele dominava todo o braço do instrumento, criando



bastante que exploravam notas graves quanto agudas. Eles são minha maior referência, por isso dediquei meu primeiro CD a eles. Inicialmente eu me dediquei a tirar todas as gravações em que os dois estavam presentes.

Tirei todas as batatas que eles tinham e tocava em todos os tons. Tirei também as batatas de outros sete-cordas importantes como Valter Silva, Valdir Silva, Laurinho 7, Edmilson Capelopi, Ze Barbosim, Fernando César, Alencar 7 Cordas, Maurício Carriho, Carinhos 7 Cordas e Paulo e tirei o mesmo processo. Depois de ter um maior domínio dessa linguagem, comeci a procurar a minha identidade acrescentando outros elementos. O Nonato Mendes, um amigo, batista goiano, me deu muitas dicas. Ele abriu a minha cabeça, tirou vários mitos que eu tinha. Comeci a estudar outras coisas além do repertório do choro e samba. Ele me mostrou as tríades sobrepostas, as escalas simétricas, alteradas, tons inteiros, pentatônicas e outras, além de técnicas de improvisação. Isso tudo é muito utilizado na linguagem do jazz. Não tive contato com o jazz, mas tive acesso a essas informações que eles usaram. A minha linguagem musical sempre foi ligada ao choro e ao samba, que são os gêneros que eu mais ouço e toco desde criança. Então apliquei tudo isso pensando no choro e no samba, o que fez uma grande diferença no jeito que toco hoje em dia.

**» Você prefere o violão com cordas de aço ou náilon?**

Minha praia mesmo é violão com cordas de aço, que é o que o Dino usava. Ele tem aquela sonoridade, é um violão de pegada para fazer acompanhamento. Mas também tenho trabalhado com o violão com cordas de náilon, que é melhor pra soltar porque a sustentação das notas é maior.

## O que Rogério Caetano usa

**Violões:** "Uso um violão de sete cordas de aço do Eduardo Brito. É um luthier carioca que mora em Brasília. Os instrumentos dele são de alto nível. Pedi pra ele fazer um pra mim com bastante volume, para tocar em roda mesmo. Às vezes pego emprestado o violão da minha esposa Milena, que também é do Eduardo Brito, só que é de seis cordas de náilon. Uso também um violão sete cordas do Jo Nunes, que é um luthier do Rio. Quero fazer agora um violão de náilon com o Tércio Ribeiro."

**Cordas:** "Usava cordas Pyramid Gold, que eram cordas lisas e revestidas de aço. Hoje uso as D'addario Chrome 0.11 e 0.10. Uso também cordas de náilon Augustine Imperial e a Savarez Alliance. Nos violões com cordas de aço, uso as cordas Mi e Si de náilon e as demais de aço. Nos violões com cordas de náilon, uso a sétima corda

da marca Hannabach."

**Captação:** "Uso captação Fishman que tem um pré-amplificador que mistura o som do captador de rasteiro com o de um microfone dentro do instrumento. Também uso captação Highlander nos violões com cordas de aço. A tensão da corda de aço é muito maior. O Highlander funciona melhor porque é uma fita metálica mole e sua captação independe da tensão que a corda exerce sobre o cavalete. O Fishman é um captador que tem um som mais voltado para o violão de náilon."

**Unhas:** "Só uso casco de cavalo! Uso unhas arredondadas, dou o formato com lixas d'água 0600."

**Dedeira:** "Uso apenas para tocar com cordas de aço. Uso dedeira de aço inox. O pai do Valerinho (Valério Xavier, pandeísta e cavaquinista), de Brasília, é quem faz para mim".

> **Como começou o grupo Brasília Brasil?**  
Eu e o Hamilton já nos conhecíamos. O Hamilton conheceu o Daniel através do Leander Motra, que era percussionista do Dois de Oito. O Daniel tinha uma formação jazzista e gostava muito da música mineira, do Toninho Horta. A gente se conheceu na casa do Hamilton. Um dia eu cheguei lá e eles estavam tocando a música *É*, do Gonzaguinha. Nós começamos a tocar juntos ali mesmo, a partir daquele dia. Lembro que o Hamilton ficou bem entusiasmado. Foi um encontro informal que depois se concretizou na gravação do CD *Abre Alas*, lançado pela Caravelas em 2001. Viajamos o Brasil todo, fizemos shows na Europa...

> **Como você começou a compor?**  
Quem me incentivou a compor foi o Hamilton de Holanda. Ele dizia que era importante a gente escrever nossas músicas, mostrar a nossa maneira de pensar, e tal. Entrei no curso de composição também incentivado por ele – que estava fazendo esse curso. Depois conheci o Yamandu e ele gostou muito das minhas músicas. Lembro que ele disse: "Você é louco, rapaz". Eles me deram estímulo pra gravar meu primeiro CD solo, o *Pintando o Sete*.

> **Fale um pouco sobre esse CD.**  
Bom, são onze faixas, nove de minha autoria, uma em parceria com o Hamilton e uma do Maurício Carrilho, que ele fez pra mim, *Rogério no Sete*. Tenho grandes amigos e

músicos ao meu lado, como o próprio Maurício, Hamilton, Marco Pereira, Zé da Velha, Silvério Pontes, Gabriel Grossi, Jorginho do Pandeiro e Claudio Jorge, entre outros. Yamandu gravou comigo a *Valsa para Mãezinha*, que eu e o Hamilton fizemos pra minha mãe. Foi o Yamandu quem sugeriu o nome do CD. E o Fernando César abraçou a ideia e me ajudou muito também.

> **Quantas músicas você compôs?**  
Tenho mais de 30 músicas. Quero gravar um segundo CD no ano que vem.

> **Você tem uma meta em sua carreira?**  
Tenho como meta difundir a minha maneira de tocar, a minha identidade. A minha maior felicidade é uma pessoa me ouvir tocando em um CD e me reconhecer pelo meu som e fraseado. Quero ter a minha marca no violão, como Dino e Raphael tiveram sua própria marca. O mais importante na carreira de um instrumentista é ser feliz com a maneira que você toca. Cada um tem seu modo de tocar e de ver a música, e isso é o que vale.



## Com quem Rogério Caetano já gravou

- Nan Lins
- Zeca Pagodinho
- Maria Bethânia
- Hamilton de Holanda
- Dudu Nobre
- Fundo de Quintal
- Beth Carvalho
- Yamandu Costa
- Martinho da Vila
- Munarcio



*"Quero ter a minha marca no violão, como Dino e Raphael tiveram sua própria marca. O mais importante na carreira de um instrumentista é ser feliz com a maneira que você toca. Cada um tem seu modo de tocar e de ver a música, e isso é o que vale."*

